



[Artigos](#)[Categorias](#)Artigos Científicos

Categoria actual: [Linguística Aplicada: Ensino-Aprendizagem](#)

[Maria José Duarte Freire](#)

Professora



Educação Bilingue e Bicultural de Crianças e Jovens Surdos - Língua Gestual Portuguesa como primeira língua e Língua Portuguesa como segunda língua - Pressupostos teóricos e sugestões práticas

Publicado em 2013

Plataforma porsinal.pt

Autor(es): Maria José Duarte Freire

Resumo

O bom desenvolvimento da literacia na criança surda é, sem dúvida, como com qualquer outra criança, o objectivo dos seus educadores, pais e professores. Não devemos, por isso, esquecer que o acesso a uma primeira língua é fundamental para o desenvolvimento linguístico e cognitivo da criança surda, criando-se assim as condições para o acesso à segunda língua e a muitas outras ao longo da vida. Não tendo acesso completo à língua falada, porque não ouve, a criança surda necessita de uma primeira língua que lhe esteja acessível na totalidade – a língua gestual do seu país, no nosso caso a língua gestual portuguesa. É através da língua gestual que a criança surda vai desenvolver a sua capacidade da linguagem e do pensamento e aceder gradualmente às estruturas da segunda língua – a língua do seu país, no nosso caso a língua portuguesa.

Introdução

O modelo de educação bilingue de crianças e jovens surdos, onde a língua gestual desempenha um papel fundamental, é amplamente reconhecido como sendo o melhor para a obtenção de bons resultados escolares e aquele que leva a que estes alunos saiam das escolas com o mesmo nível de conhecimentos, a mesma maturidade e sentimento de autoconfiança e integração social que se espera obtenham os alunos ouvintes.

A aquisição da linguagem e de conhecimentos sobre o mundo que rodeia as crianças é feita naturalmente, por contacto com as outras pessoas: inicialmente com os pais e família e, progressivamente, com o mundo exterior. As crianças com surdez severa ou profunda, congénita ou adquirida numa fase pré-linguística, não beneficiam deste contacto natural e espontâneo porque, simplesmente, não ouvem.

Estas crianças, na sua maioria filhas de pais ouvintes, não adquirem a língua dos pais naturalmente porque não a ouvem, mas elas necessitam como as outras de aceder a uma língua natural que lhes permita

desenvolver as suas capacidades linguísticas e cognitivas. Devido à sua falta de audição o meio natural é o visual. Assim, é fundamental que lhes seja proporcionado, precocemente, um ambiente linguístico circundante adequado, constituído inicialmente pelos pais e família e logo depois pelos educadores e professores, onde abunde a comunicação em língua gestual.

Mais tarde, na escola, a língua gestual deve ser usada tendo em conta dois objetivos, o da comunicação entre professores e alunos surdos, em contextos formais e informais, mas também o seu estudo académico, como habitualmente se faz com as línguas maternas dos alunos ouvintes.

Educação bilingue e bicultural de crianças e jovens surdos

A educação de surdos, que tinha em conta a língua gestual e começou a ser designada de educação bilingue, sofreu muitos desenvolvimentos e atravessou abordagens diferentes. Podem-se destacar duas mais significativas: a da comunicação total e a do bilinguismo ou educação bilingue e bicultural. A primeira valorizava a língua gestual mas apenas como instrumento de ensino, sem lhe reconhecer ainda o estatuto de língua. A segunda, e mais atual, considera a língua gestual como primeira língua das crianças e jovens surdos e é a língua usada para o ensino; a língua do país é aprendida como segunda língua através da leitura e da escrita.

Do modelo bilingue e bicultural podem-se destacar as seguintes linhas gerais:

1. as crianças surdas congénitas ou pré-linguísticas devem ter a língua gestual como língua materna e de ensino, similarmente, as crianças ou jovens com surdez pós-linguística deverão aprender língua gestual e beneficiar igualmente do ensino bilingue;
2. a língua gestual deve fazer parte do currículo escolar como disciplina académica, pois o seu estudo é essencial para um verdadeiro desenvolvimento linguístico;
3. valorização do estudo de ambas as línguas, no caso português, a língua gestual portuguesa e a língua portuguesa, como segunda língua na sua versão escrita: leitura silenciosa e escrita (a terapia da fala não é sobrevalorizada neste modelo, mas também não é posta de lado, constituindo um complemento à comunicação, rentabilizado sempre que possível); e,
4. valorização da identidade bicultural, englobando ambas as culturas: a da comunidade surda e a da comunidade ouvinte, contribuindo para o enriquecimento cultural das crianças e jovens surdos. A assimilação de ambas as culturas é importante porque, por um lado, fortalece a autoestima da criança e do jovem surdo e, por outro lado, favorece a sua integração na sociedade em que vivem.

Existem diversos pressupostos para a implementação do modelo bilingue e bicultural de educação de surdos, sendo um dos mais importantes o da sensibilização das famílias para a importância da aquisição precoce da língua gestual pelas crianças surdas: aspeto em que o papel das famílias é fundamental. O desenvolvimento desta medida implica uma melhor informação e sensibilização da classe médica que constitui o primeiro contacto das famílias com a realidade da surdez, e junto de quem as famílias procuram aconselhamento.

Para o sucesso de um modelo bilingue e bicultural na educação de surdos é igualmente importante o trabalho em equipa de professores ouvintes, professores surdos e intérpretes de língua gestual. Consoante o grau de ensino, o trabalho a desenvolver com os alunos surdos varia, bem como a participação de cada interveniente no processo educativo, mas é fundamental que este trabalho seja previamente idealizado e preparado no sentido de se atingirem os melhores resultados.

Passos metodológicos na conquista da literacia

- **Acesso à língua gestual portuguesa como Primeira Língua**

Na família com pais surdos gestuantes a criança está no seu ambiente, desenvolve a primeira língua sem dificuldades, o que contribui para o seu desenvolvimento natural com conhecimento de si.

Na família com pais ouvintes é necessário existir um encaminhamento realizado por uma equipa multidisciplinar que incentive os pais a aprender, desde logo, a língua gestual para comunicarem com a sua criança surda. Existem relatos de pais que depois de aprenderem língua gestual e começarem a conversar com os seus filhos surdos dizem que “recuperaram o seu filho perdido e que a partir daquele momento o seu filho passou a ser um filho como os outros e eles, verdadeiros pais” (Ahlgren, 1994:58).

Também é importante que a criança seja exposta ao contacto com outros surdos adultos ou da sua idade para progredir naturalmente na sua língua e se poder identificar com modelos surdos, em associações ou atividades desenvolvidas para o efeito. [1](#)

Na escola com professores surdos e ouvintes, ambos falantes fluentes de língua gestual e com domínio total da língua portuguesa, a criança surda tem a continuidade do contacto com a língua gestual realizado na família. Nos primeiros anos, o contacto com educadores e professores surdos deve ser privilegiado para permitir um desenvolvimento da primeira língua e do sentido de identidade da criança surda. Em anos mais avançados, os professores devem dominar a língua gestual para que as aulas sejam ministradas nesta língua, ou serem coadjuvados por intérpretes de língua gestual portuguesa que irão estabelecer o elo de ligação entre alunos surdos e professores ouvintes.

- **Acesso à língua portuguesa como Segunda Língua**

Na família devem existir momentos de contacto com a língua escrita para a criança surda a relacionar com a realidade e a sua utilidade. A leitura de histórias infantis em língua gestual acompanhada do texto escrito, os recados e os bilhetes feitos no dia a dia, as listas de compras, os telefonemas por telefone de texto, o uso de programas informáticos de conversação ou correspondência, entre muitas outras estratégias, são introduzidas, a pouco e pouco, para a criança interiorizar a importância da língua escrita e da sua leitura.

Na escola, devem utilizar-se estratégias semelhantes que deverão evoluir para textos mais diversificados e complexos, acompanhados do ensino explícito das regras gramaticais que, nas crianças surdas, não foram aprendidas de ouvido. As crianças ouvintes necessitam aprender a exceção, mas conhecem muito do que é a regra; as crianças surdas, por não ouvirem, não conhecem a regra, nem a exceção, a não ser que lhes sejam ensinadas. Conjugação de um verbo no presente do indicativo é fácil para uma criança ouvinte porque já ouviu essas palavras inúmeras vezes, conjugação de um verbo para uma criança surda deve ser explicado e ensinado como se se estivesse a ensinar um verbo em língua estrangeira, porque ela não tem memória auditiva que lhe permita dizer de cor: eu como, tu comes, ele come... A criança surda que teve acesso à primeira língua conhece de forma implícita as funções gramaticais existentes numa língua; para aprender a distingui-las deve ser ensinada, com a ajuda da língua gestual e pelo uso de estudo comparativo entre as duas línguas.

Ao longo de toda a escolaridade devem ser adotados incentivos à leitura e à escrita, que tornem estas atividades atrativas e reveladoras do seu sentido de utilidade académica, profissional, cultural e lúdica. Os textos devem ser variados e significativos e irem ao encontro dos interesses dos leitores, de forma a despertarem a sua atenção para eles. A motivação para os alunos surdos se interessarem pela leitura e pela escrita é sobretudo instrumental, porque assim têm acesso a informação que lhes interessa e, mais tarde, devem ser consciencializados de que este meio é essencial para que possam evoluir na vida académica e profissional.

- **Estratégias conducentes a um bom nível de literacia**

Sugerem-se de seguida algumas estratégias, entre muitas possíveis, que podem contribuir para a promoção das capacidades de literacia das crianças surdas. Estas estratégias devem ser utilizadas pelos pais e pelos educadores o mais precocemente possível.

De um modo gradual:

- Comunicar com o bebé emitindo mensagens, usando todos os sentidos possíveis: toque, expressão facial, fala, mímica, gesto.
- Respeitar os tempos de reação do bebé.
- Atrair a atenção do bebé, movendo um brinquedo até ao seu próprio rosto para iniciar a comunicação com ele.
- Tocar num objeto várias vezes no campo visual do bebé antes de dizer alguma coisa sobre o objeto.
- Quando o bebé dá sinais de compreender a linguagem, dizer e gestualizar palavras ou frases curtas, apontando ou tocando nos objetos adequados.
- Não enviar demasiadas mensagens em simultâneo.
- Ter sempre à mão livros adequados à idade, em todas as divisões, incluindo a casa de banho.
- Começar com livros à prova de água e em cartão com imagens claras e próprias para bebés. Ler pelo menos um livro destes por noite. Aumentar o número de livros à medida que a criança cresce.
- Usar acessórios, como por exemplo peluches, para encarnar as personagens à medida que vêem/lêem os livros em conjunto.
- A partir do português escrito, traduzir para a língua gestual portuguesa, para explicar o conteúdo da história. A LGP pode transmitir as emoções e os estados de espírito de modo mais claro.
- À medida que a criança se torna consciente da língua escrita, apontar com o dedo as palavras-chave enquanto se gestualiza. Gestualizar na ordem do português escrito [2](#) e usar o alfabeto manual [3](#) sempre que seja adequado.
- Usar o alfabeto manual desde cedo. As crianças desenvolvem a capacidade de compreender o alfabeto manual na idade de 2 a 2,5 anos. Com 3 ou 4 anos, conseguem ler e compreender palavras soletradas através do alfabeto manual. Ter sempre à mão materiais de escrita.
- Levar a criança a livrarias e bibliotecas para a incentivar a comprar ou pedir livros emprestados. Fazer também a assinatura de revistas adequadas à sua idade.
- Criar puzzles com letras recortadas de revistas para formar palavras.
- Encorajar a criança a escrever recados, notas de agradecimento, postais ou cartas.
- Escrever listas de compras com a criança e agrupar os itens por categorias: vegetais, mercearias, produtos lácteos.
- Interpretar os programas de televisão até que a criança desenvolva capacidades de leitura autónoma.
- Incentivar a criança a fazer palavras cruzadas e outros jogos de palavras.
- Levar a criança a praticar escrita em teclados, por exemplo, em telefones de texto, ou em computador (serviços de mensagens escritas), para comunicar com os seus familiares e amigos e assim desenvolver uma comunicação em dois sentidos, em tempo real, o que contribui para desenvolver as suas capacidades de leitura e de escrita.
- Oferecer livros adequados em cada idade, tendo o cuidado de escolher temas que se sabe serem do agrado da criança.
- Escrever e ler junto da criança pode ser um bom incentivo para que ela leia e escreva.
- Participar com a criança surda em atividades da comunidade surda para que ela possa desenvolver a sua língua gestual e conhecer as manifestações culturais e identitárias das pessoas surdas.
- Usar a imaginação...

Notas

[1](#) Consultar o trabalho desenvolvido pela Associação Luz Mater no seu projeto “Fórum Comunicar”

[2](#) Gestualizar segundo a ordem sintática do português é um recurso que se utiliza apenas durante a leitura apontando para as palavras. Por outro lado, quando se conversa sobre a história com a criança, gestualizando, deve-se respeitar a sintaxe da língua gestual.

3 O alfabeto manual varia de país para país, podendo existir algumas semelhanças. Também pode ser designado por datilologia.

Bibliografia

AHLGREN, I. e HYLSTENSTAM, K. (eds.) (1994): Bilingualism in Deaf Education, Hamburg, Signum Verlag.

ALMEIDA, M. J. (2007): A Criança Surda e o Desenvolvimento da Literacia, Dissertação de Mestrado, Aveiro, Departamento de Didáctica e Tecnologia Educativa – Universidade de Aveiro - <http://biblioteca.sinbad.ua.pt/teses/2008001237>

AMARAL, M.A. (1993): - “Reflectindo sobre a Reabilitação de Surdos”, INTEGRAR, n.º 2, Set. 93. Lisboa: IEFP/SNR

Declaração de Salamanca e enquadramento da acção na área das necessidades educativas especiais, (1994): Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, organizada pela UNESCO em colaboração com o governo de Espanha, em Junho de 1994

DELGADO-MARTINS, M.R. (1996): - “Linguagem gestual: uma linguagem alternativa” in HUB FARIA, I. (et al), Introdução à Linguística Geral e Portuguesa, Lisboa: Caminho

DELGADO-MARTINS, M.R. (1997): “Como aprendem as crianças surdas a ler e a escrever”, NOESIS, Outubro/Dezembro 1997

Education Rights for Deaf Children princípios da Federação Mundial de Surdos, em wfdeaf.org/pdf/policy_child_ed.pdf, consultado em 15.12.06

FREIRE, M. J. (2011): - A criança surda e o desenvolvimento da literacia, Coleção Informar, nº 7, Lisboa, INR – Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.

JOKINEN, M. (1999): - “Alguns pontos de vista sobre a educação dos surdos nos países nórdicos” in SKLIAR, C. (org), Atualidade da Educação Bilingue para Surdos, Vol.1, Porto Alegre: Editora Mediação

LABORIT, E. (2000): O Grito da Gaivota, Lisboa, Edit. Caminho

LANE, H. (1997): A Máscara da Benevolência – A Comunidade Surda Amordaçada, Lisboa, Instituto Piaget

MAHSHIE, S. N. (1997): “A First Language : Whose Choice Is It” in <http://clerccenter.gallaudet.edu/Products/Sharing-Ideas/afirst/smahshie.html>, consultado na Internet em 3.01.2005

SIM-SIM, I. (org.) (2005): A Criança Surda – Contributos para a sua Educação, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

SKLIAR, C. (Org) (1999): Atualidade da Educação Bilingue para Surdos, Vols: 1 e 2, Porto Alegre, Editora Mediação

STEVENS, R.P. (1980): - “Children’s language should be learned, not taught” in STOKOE, W. (ed), Sign and Culture – A Reader for Students of American Sign Language, Silver Spring, Maryland: Linstock Press Inc.

STEWART, D. A. e CLARKE, B. R. (2003): Literacy and Your Deaf Child, Washington, D.C., Gallaudet University Press

SVARTHOLM, K. (1991): Reading strategies in bilingually educated deaf children – some preliminary findings, www.actos.org/publication/ourarticles/pdf/acfos2/svartholm.pdf, consultado na Internet em 12.11.04

SVARTHOLM, K. (1994): “Second Language Learning In the Deaf” in AHLGREN, I. e HYLSTENSTAM, K. (eds.) (1994): Bilingualism in Deaf Education, Hamburg, Signum Verlag.

SVARTHOLM, K. (1999): “Bilinguismo dos Surdos” in SKLIAR, C. (Org) (1999): Atualidade da Educação Bilingüe para Surdos, Vol. 2, Porto Alegre, Editora Mediação

SVARTHOLM, K. (2003): “Como Leerles a los Sordos?” (Resumo de uma palestra dada em Buenos Aires, em 8 Abril de 2003), disponível no sítio www.sitiodesordos.com.ar/svartholm.htm, consultado em 26.09.06